



4641 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT24 - Educação e Arte

As cadernetas de anotações de Guimarães Rosa e a Pesquisa em Educação: aproximações entre Arte, Literatura e Educação
Giovana Scareli - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

As cadernetas de anotações de Guimarães Rosa e a Pesquisa em Educação: aproximações entre Arte, Literatura e Educação

Resumo

As cadernetas de anotações ou cadernos de campo, aqui tratados como sinônimos, são instrumentos para que os pesquisadores, escritores, artistas e demais pessoas façam anotações daquilo que observam da vida, das suas percepções, afecções e sentimentos. Nele, são escritas pequenas frases, que, de uma hora para outra, iluminam o artista; frases intuitivas, descrições de cenas do cotidiano, palavras e expressões, fragmentos de aulas, palestras, desenhos, letras de música, cenas de um filme, um rascunho de um poema... cabe muita coisa num caderno de anotações. Este trabalho tem por objetivo conectar Arte, Literatura e Educação, buscando refletir sobre a importância desses cadernos. Para isso, vale-se dos cadernos de anotações de Guimarães Rosa, fundamentais para as criações literárias do autor e também para as pesquisas acadêmicas com as quais procuraremos estabelecer aproximações. (i)

Palavras-chave: Pesquisa em Educação, cadernos de anotações, cartografia, Guimarães Rosa.

Início de conversa: algumas considerações sobre a pesquisa em Educação

Os manuais de pesquisa em ciências humanas anunciam a necessidade de fazermos anotações das observações que fazemos no campo, anotações em forma de fichamentos do levantamento bibliográfico, anotações de ideias, reflexões e pensamentos que vamos tendo no desenvolver das nossas pesquisas.

Ludke e André (1986, p. 12) afirmam que uma das características básicas que configura a abordagem qualitativa de pesquisa é que:

Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos.

As descrições que aparecerão nos trabalhos acadêmicos foram feitas a partir dos registros e das anotações em diários de campo, cadernos de campo, cadernos de notas ou outro nome semelhante. Esses documentos, raramente aparecem nos produtos (dissertações, teses, relatórios, artigos). O que aparece são apenas os fragmentos extraídos desses cadernos. Dessa forma, não conhecemos o que os pesquisadores fazem, como registram, como são esses cadernos, o que anotam, como anotam. Ainda segundo Ludke e André (1986, p. 25),

O que cada pessoa seleciona para 'ver' depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros.

Para as autoras, as observações que fazemos no nosso dia a dia "são muito influenciadas pela nossa história pessoal, o que nos leva a privilegiar certos aspectos da realidade e negligenciar outros. (p. 25)" Nosso olhar e nossa percepção são seletivos e estão relacionados à nossa cultura, sensibilidade, tradições e educação. O que pensamos ser fundamental dessa frase é que os nossos registros e as anotações que fazemos da "realidade" são escolhas, são enquadramentos do mundo que passam pela subjetividade do pesquisador e, com isso, impossíveis de serem neutras. As autoras terminam esse trecho com uma questão importante: "Como então confiar na observação como um método científico?" Reescrevendo essa questão feita pelas autoras: como confiar nas observações que passam pela subjetividade dos pesquisadores se a pretensão de fazer pesquisa científica tem como parâmetro um modo de fazer pesquisa que veio das ciências "duras"? O que parece estar em xeque nas pesquisas em ciências humanas é uma certa desconfiança naquilo que seria sua especificidade, sua humanidade.

Gatti e André (2010, p. 36) apresentam várias considerações sobre o que chamam de "problemas no desenvolvimento das pesquisas qualitativas"; umas delas é a "não discussão em profundidade das implicações do uso de certas formas de coleta de dados, como por exemplo narrativas, registros escritos e videografados, grupos de discussão e grupo focal que

requerem tratamento adequado”; também, trazem como um dos problemas a falta de “requisitos teórico-metodológicos na condução dos estudos” e a falta de “formação que vem sendo dada aos pesquisadores”. Além disso:

As abordagens qualitativas trazem um grau de exigência grande para o trato com a realidade e sua reconstrução justamente por postularem o envolvimento do pesquisador (BRITO & LEONARDOS, 2001). O que se encontra em muitos trabalhos são observações casuísticas, sem parâmetros teóricos ou sem influências consistentes, a descrição do óbvio, a elaboração pobre de observações de campo conduzidas com precariedade, análises de conteúdo realizados sem metodologia clara, incapacidade de reconstrução dos dados e de percepção crítica de vieses situacionais, desconhecimento no trato da história e de estórias, precariedade na documentação e na análise documental (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 36).

Para as autoras, há muitos problemas com as pesquisas realizadas por meio da abordagem qualitativa, o que ajuda a fazer coro de que não há rigor em seus processos e, desse modo, não teriam valor, nem utilidade. E, ainda, que a falta de sensibilidade por parte do pesquisador, em todo o processo, “põe em risco a confiabilidade do estudo e de seus achados” (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 36).

Embora esses problemas possam existir – que os pesquisadores nem sempre tenham a melhor formação em Pesquisa, não consigam descrever bem suas observações e com isso a análise fique comprometida, comprometendo também os resultados, colocando em risco a confiabilidade do estudo etc. –, há uma outra questão tão problemática quanto: a impossibilidade de “encaixar” uma pesquisa numa metodologia existente. Segundo Passos, Kastrup e Escóssia (2012, p. 9):

Como nomear as estratégias empregadas na pesquisa, quando elas não se enquadram bem no modelo da ciência moderna, que recomenda métodos de representação de objetos preexistentes? Como encontrar um método de investigação que esteja em sintonia com o caráter processual da investigação? No que concerne à chamada coleta de dados, tal dificuldade é muitas vezes contornada pelo apelo à noção de observação participante e às entrevistas semiestruturadas. Embora em certa medida conveniente, o vocabulário importado da pesquisa etnográfica e das pesquisas qualitativas em psicologia e nas ciências humanas em geral parece, todavia, muito genérico e longe de ser satisfatório.

Desse modo, mais do que conhecer bem um método e seus procedimentos de coleta e análise de dados, a pergunta que precisa ser feita é anterior a isso: qual método é mais adequado para a temática da pesquisa estudada? Além disso, é preciso pensar muito quando há uma processualidade no fazer, justamente porque a pesquisa está em acompanhar esses processos, mas é diferente de uma Pesquisa-ação (que, muitas vezes, já consegue visualizar suas etapas) e, nesse caso, não se sabe qual será o próximo passo, dependendo sempre do que irá construir no momento anterior.

É com essas preocupações que Passos, Kastrup e Escóssia (2012) trabalharam na sistematização de um “método da cartografia” não para defini-la e engessá-la, mas para criar algumas pistas que poderiam servir para os pesquisadores, a fim de libertarem suas pesquisas de amarras teórico-metodológicas que não faziam sentido.

Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: metá-hódos. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (hódos) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o metá-hódos em hódos-metá. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção.

Essa longa citação já é muito conhecida dentre os pesquisadores, que têm tomado a cartografia como uma inspiração metodológica e comungam de que essa inversão é muito pertinente nos dias de hoje, com uma profusão de temas de pesquisa e das inúmeras maneiras de fazê-la. Em qualquer pesquisa, é indispensável que o pesquisador tenha como princípios o rigor, o compromisso, o interesse e sua implicação em todo o processo. Tendo como base esses princípios e a implicação do pesquisador em todos os procedimentos e resultados de seu trabalho, as análises apressadas ou a falta de rigor seriam reduzidas. Todavia, é fundamental que o pesquisador possa criar suas ferramentas, estratégias e modos de fazer pesquisa, acompanhando os processos e interferindo no que for necessário para obter os resultados, o que evidencia um caráter inventivo e subjetivo ainda mais forte.

Para Passos e Barros (2012, p. 17), há uma inseparabilidade entre o conhecer e o fazer, entre o pesquisar e o intervir; dessa forma, “toda pesquisa é intervenção”.

Mas, se assim afirmamos, precisamos ainda dar outro passo, pois a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência – o que podemos designar como plano da experiência. A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação (PASSOS; BARROS, 2012, p. 17).

Implicados no plano da experiência, os pesquisadores, inspirados pela cartografia como método de pesquisa, irão acompanhar todos os efeitos da experiência do caminho que vai sendo traçado. Conhecer é um dos objetivos comuns às pesquisas, mas é também um modo de criar realidades de si e do mundo; não é apenas saber reproduzir a realidade e “representar” o mundo, porém criar mundos, o que confere às pesquisas um caráter, fortemente, inventivo.

A inventividade nas pesquisas em Educação

Se a invenção é uma palavra mais comumente utilizada nas áreas de Literatura e Artes, gostaríamos de aproximar essas áreas à Educação, a fim de pensar em modos de fazer mais inventivos. Nessa aproximação, acreditamos que a Literatura e as Artes podem nos ajudar a pensar em um dos instrumentos utilizados nas pesquisas e que são muito conhecidos de escritores e artistas: o caderno de anotações.

Também conhecido como caderno de notas ou bloco de notas, esses cadernos são aqueles em que escrevemos de tudo, mas, quando usados nas pesquisas, são comumente chamados de diários de campo ou cadernos de campo. Na área de artes, é conhecido como caderno de artista ou livro de artista. Neste trabalho, não estamos nos importando com a terminologia. Todos eles serão utilizados como sinônimos, porque o que nos propomos a refletir é sobre a importância dessa prática, a prática da anotação.

Sempre que iniciamos uma pesquisa, seja científica ou para a produção artística, estamos entrando num território que requer atenção e a habitação nesse território, que em princípio não era habitado por nós. Se pensarmos no pesquisador como um cartógrafo, ele entra num campo onde há processos em curso e onde ele irá começar a pesquisa de um ponto. Mas esse ponto não é o início, é o meio. Do mesmo modo, quando se termina a pesquisa, o território continua. Interrompemos o fluxo, paramos no meio, porque apenas a pesquisa terminou. Ou seja, um pesquisador-cartógrafo está sempre no meio de processos em andamento. É assim que “a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante” (BARROS, KASTRUP, 2012, p. 56), chegando a um território existente, intervindo e depois deixando-o.

Carlos Rodrigues Brandão, no capítulo “Escrito com o olho – anotações de um itinerário sobre imagens e fotos entre palavras e idéias”, publicado em 2005, expõe, de maneira clara e reflexiva, seu trabalho como pesquisador e antropólogo, sempre envolvido com pesquisas etnográficas, lançando mão de registros em imagens (fotografias e vídeos) e escritos em cadernos de anotações. No texto, reflete sobre suas dificuldades de escrever e usar as imagens que fotografou nos seus textos embora elas tenham servido de base para a escrita em conjunto com as anotações. Menciona, também, as publicações que fez usando, praticamente, só imagens com poucos textos. Que dificuldade é esta de unir essas linguagens, utilizadas como registros do território habitado, para a confecção de trabalhos teóricos, nos quais as imagens ainda possam ter protagonismo? Embora a análise de imagens também seja importante, ela ficará para outro texto. Neste, queremos continuar explorando a importância da anotação e dos cadernos de nota.

Barros e Kastrup (2012, p. 69) dizem que “há uma prática preciosa para a cartografia que é a escrita e/ou desenho em um diário de campo ou caderno de anotações.” Ainda segundo as autoras:

Para a pesquisa cartográfica são feitos relatos regulares, após as visitas e as atividades, que reúnem tanto informações objetivas quanto impressões que emergem no encontro com o campo. Os relatos contêm informações precisas – o dia da atividade, qual foi ela, quem estava presente, quem era a responsável, comportando também uma descrição mais ou menos detalhada – e contém também impressões e informações menos nítidas, que vêm a ser precisadas e explicitadas posteriormente. Esses relatos não se baseiam em opiniões, interpretações ou análises objetivas, mas buscam, sobretudo, captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos. Podem conter associações que ocorrem ao pesquisador durante a observação ou no momento em que o relato está sendo elaborado (BARROS; KASTRUP, 2012, p. 69).

Embora as autoras falem dos cadernos de notas, elas não mostraram nenhum exemplo desses cadernos. Afinal, o que contém os cadernos de anotações e diários de campo dos pesquisadores? De acordo com Meyer (2006, p. 1):

Poucos pesquisadores tornaram públicas suas anotações. LÉVI-STRAUSS (1994) reproduz poucas páginas do caderno de notas, sugerindo ao leitor uma idéia da riqueza dos registros do antropólogo – textos, mapas geográficos, pautas musicais e desenhos. RIBEIRO (1996) publicou os seus diários de campo ‘sem retoques’, como gostava de frisar, após 47 anos da sua primeira expedição às aldeias dos índios Urubus-Kapor.

Alguns escritores e artistas possuem uma sistemática de trabalho que faz uso de cadernos, e estes, muitas vezes, estão disponíveis em museus, arquivos ou outras instituições, cuja finalidade é guardar, conservar e disponibilizar esse rico material para consulta. É desse modo que podemos ter acesso aos cadernos e cadernetas de João Guimarães Rosa arquivados no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).

Já que temos dificuldades de consultar os diários dos pesquisadores, nossa ideia é partir das anotações de um escritor para poder pensar nesse importante instrumento de produção de dados para as pesquisas acadêmicas. Qual a importância dessas anotações para as suas obras e para as pesquisas que até hoje são feitas utilizando essas anotações como fontes documentais?

Temos aqui um dado interessante: as anotações podem servir ao pesquisador, no decorrer de sua pesquisa, para a produção de suas análises e para a escrita dos produtos que resultam dessas análises. Porém, a disponibilização dessas anotações poderia servir para outros pesquisadores, para outras pesquisas, assim como acontece com os cadernos e cadernetas de Guimarães Rosa, que foram utilizados pelo escritor para a criação de suas obras, mas que, hoje, são fontes para muitas outras pesquisas.

Assim, o primeiro tema que queremos levantar é a necessidade do rigor do pesquisador com as suas anotações. Quanto mais informações tiver, mais será possível para ele (e, talvez, para futuros pesquisadores) aproveitá-las. Guimarães Rosa era muito organizado com o material que produzia e o acervo disponível no IEB/USP organizou ainda mais esse material, para facilitar a consulta pública, inclusive disponibilizando muitas informações digitalmente, que podem ser acessadas via internet. (ii) Monica Meyer (2006, p. 54) nos apresenta, de maneira detalhada, o material de “Boiada”, que pesquisou no IEB/USP:

O material de Boiada está guardado em 4 pastas – 26, 27, 28 e 29 da série Estudos para a Obra (EO). A pasta 26 do EO contém, em 50 páginas, anotações sobre bois e vaqueiros e dois ensaios (em elaboração) A SAÍDA (19.05.52) e A BOIADA (na Sirga) baseados nos dados da caderneta de campo. Além deste material encontram-se as notas da Grande Excursão a Minas feitas no período de 3 a 13 de dezembro de 1945, nas primeiras vinte páginas iniciais. O ensaio A SAÍDA começa sendo datilografado e posteriormente passa a ser escrito à caneta tinteiro de cor azul marinho. O outro ensaio, A BOIADA, alinhava e costurava as informações e percepções pontuais da viagem, tecendo um texto mais estruturado. A pasta 27 tem o caderno do vaqueiro Zito e oitenta e seis páginas com anotações e comentários feitos a partir das pastas 28 e 29, que descrevem a viagem minuciosamente. Cabe ressaltar que as observações registradas nas pastas são transcrições literais das anotações na caderneta de campo e permitem reconstruir, com precisão, a viagem do escritor ao sertão de Minas em 1952.

A riqueza de detalhes do material arquivado possibilitou não só a Meyer (1998) fazer sua pesquisa de doutorado, mas também a tantos outros pesquisadores, como Vasconcelos (1984), Leonel (1985), Cavalcante (2007) e agora a mim, só para citar alguns que se interessaram pelos cadernos de viagens e cadernetas de anotações nas suas pesquisas. Não só anotar os detalhes é importante, mas ter uma caderneta sempre às mãos, para que qualquer ideia, observação ou insight não se perca.

Guimarães Rosa fez suas anotações numa cadernetinha de bolso pendurada ao pescoço por um barbante, tendo na ponta um lápis. O barbante todo ensebado ainda se encontra na caderneta 6, único exemplar da Boiada que faz parte da série Estudo para Obra do Arquivo Guimarães Rosa. A cadernetinha, leve e fácil de carregar, possibilitava ao escritor escrever mesmo em situações adversas. Ela é do tipo 'De Luxe' marca registrada, tamanho 15, pautada, capa dura de papelão cinza e espiral verde, possui 30 páginas numeradas contendo apenas os dois últimos dias da viagem.

A caderneta de Guimarães Rosa era leve e fácil de carregar. Durante a viagem, ele a pendurou no pescoço com um barbante, cuja ponta tinha um lápis. Ou seja, o caderno de anotações é inseparável do pesquisador, porém de nada adianta ter uma caderneta se não fizer as anotações. Então, além de ter uma caderneta, é necessário habituar-se a usá-la. Na perspectiva de Eugênio Silva, repórter fotográfico da Revista O Cruzeiro, "Guimarães Rosa perguntava constantemente aos vaqueiros os assuntos mais variados para, logo a seguir, anotar em sua cadernetinha pendurada no pescoço" (MEYER, 2006, p. 3).

Além da importância de ter uma caderneta sempre à mão e de fazer as anotações, é preciso pensar na sistematização dessas notas. O que fazer com todas as anotações presentes no caderno? Como sistematizá-las? Conforme Meyer (2006, p. 3):

Todas as anotações da caderneta foram datilografadas pelo escritor. O processo de transcrição planejado e organizado seguiu o mesmo padrão. A folha de papel usada era sempre a mesma cor branca, sem pauta, formato 20 x 25 cm, trazendo na margem superior a palavra cópia impressa em vermelho. A maneira de inserir o papel na máquina era sempre igual, pelo avesso de tal maneira que a palavra cópia ficasse invertida. Essa técnica de trabalhar sugere como Guimarães Rosa era metódico e sistemático. Encontramos nas pastas, textos e rascunhos dessa viagem a Minas, o que demonstra que tudo era devidamente arquivado. Confrontando os manuscritos da caderneta com o material datilografado (pasta EO 29, BOIADA 2) percebe-se que Guimarães Rosa transcreve na íntegra os registros de campo. Três páginas da caderneta correspondem a uma lauda datilografada. A maneira de ocupar o papel também era sempre a mesma. O lado direito da folha reservado para o texto datilografado e o esquerdo para anotações, destaques e marcações posteriores com lápis de cores vermelhas, azuis, verdes e grafite. As marcações no texto são constantes, assinalando partes com chaves, círculos, traços, grifos, setas, cruz, exclamações, interrogações, xis, hachuras em várias direções ou até mesmo colorindo todo o trecho. Muitas vezes combina um tipo de sinal com outro, formando um escrito colorido e arquitetônico.

O escritor tinha um método próprio de construir dados para suas obras. Havia um rigor e um cuidado com as informações, anotações e transcrições nem sempre visto em pesquisas acadêmicas. Havia também um método personalizado de transcrever, o jeito de colocar a folha na máquina de escrever, a ocupação do papel, as cores dos lápis, o espaço para as anotações e os diversos tipos de marcações.

Para Cavalcante (2007, p. 5), as marcações, as anotações posteriores, que ela chama de "pegadas", "denunciam o viajante que volta as suas notas não apenas para reviver momentos que o deixaram maravilhado, mas como um trabalhador que ali vai buscar ferramentas para a construção de sua obra."

Esta disciplina de rever as anotações e transcrevê-las, de organizar o material, com informações completas, a leitura e anotações posteriores são fundamentais para dar início às análises. Estas são as ferramentas do trabalho do escritor e do pesquisador. Mas o que há nas cadernetas de Guimarães Rosa? O que ele elege para anotar?

Segundo Meyer (2006), a maioria das notas de "Boiada" são relacionadas aos Bois. No entanto, há descrições minuciosas do amanhecer, entardecer e anoitecer, como neste trecho:

Esta madrugada, deitado, via a lua, já baixa, lua cheia, pronta a ir-se. (Lado meu era o poente). Poente da lua cheia (ainda alto, eclipsado). Depois às 4hs 30', as nuvens cinzento-verde, leve. Hora em que as nuvens (isoladas) refletem os verdes do mundo. Depois, elas ficam azul e rosa). (Boiada 1, p. 4 - 10/5/1952. MEYER, 2006, p. 4).

Podemos obter nesse fragmento muitas informações: era madrugada, ele estava deitado olhando para o céu, observando a lua (cheia), o movimento das nuvens, as cores do céu. Dá-nos, inclusive, uma referência horária, 4h30 da manhã. Meyer

(2006, p. 6) frisa em seu artigo que

[...] as notas de campo abrangem e incorporam o sertão na sua totalidade. Guimarães não tinha a intenção de produzir uma etnografia. As anotações contêm dados de uma experiência absorvida (uso de propósito o termo, pois percebo que ele vai tragando a viagem nos seus múltiplos aspectos, os cheiros, sons, cores, gostos e tatos ficam impregnados na pele do autor, são incorporados).

A imagem de uma “experiência absorvida” é muito bonita e potente! “Tragar” a viagem com todos os sentidos alertas, deixar-se impregnar pelo campo, pela pesquisa, pelas ideias. Essa experiência está relacionada à implicação do pesquisador, de que falamos antes, não no sentido do compromisso e da responsabilidade, mas no mergulho que faz no tema (campo/território) pesquisado. Então, o que devemos eleger para anotar nos nossos cadernos de anotações de nossas pesquisas acadêmicas?

Em carta escrita para o Seu Florduardo, pai de Guimarães Rosa, ele diz:

[...] preciso de aproveitar a oportunidade para penetrar de novo naquele interior nosso conhecido, retomando contato com a terra e a gente, reavivando lembranças, reabastecendo-me de elementos, enfim, para outros livros, que tenho em preparo. Creio que será uma excursão interessante e proveitosa, que irei fazer de cadernos abertos e lápis em punho, para anotar tudo que possa valer, como fornecimento de cor local, pitoresco e exatidão documental, que são coisas muito importantes na literatura moderna (ROSA, 1999, p. 179-180).

Talvez, a resposta seja “anotar tudo que possa valer” e com “exatidão documental”. A exatidão documental não deve ser entendida aqui como um engessamento, porém como uma preocupação de trazer dados e informações precisas não somente do que o pesquisador observa ou sente, mas dados que são objetivos, como, por exemplo, data, local, referências bibliográficas etc.

Estar aberto para o que possa aparecer, fazendo anotações daquilo que achar que vale a pena anotar, tem muita relação com a pista da “atenção”, trabalhada por Kastrup (2012) a partir do “reconhecimento atento” de Bergson, “atenção fluante” de Freud, “atenção à espreita” de Deleuze, atenção não como “seleção de elementos” num campo perceptivo dado, todavia como “responsável por configurar o próprio campo perceptivo” de Merleau-Ponty. Para Kastrup (2012, p. 40), a “atenção tateia, explora cuidadosamente o que lhe afeta sem produzir compreensão ou ação imediata.” Portanto:

A ativação de uma atenção à espreita – fluante, concentrada e aberta – é um aspecto que se destaca na formação do cartógrafo. Ativar esse tipo de atenção significa desativar ou inibir a atenção seletiva, que habitualmente domina nosso funcionamento cognitivo (KASTRUP, 2012, p. 48).

Ao ler alguns registros feitos por Guimarães Rosa, pensamos em como ele tinha essa atenção à espreita. Não havia apenas um “foco” que o impossibilitaria de dar atenção ao restante. Ele não estava interessado apenas em uma única coisa. Sua atenção estava acionada para tudo aquilo que fazia sentido para ele, que o tocava, que o movia, que ele imaginava que poderia servir para uma produção posterior, ou, ainda, coisas de seu interesse naquele momento, tendo em vista a sua personalidade curiosa. Nesse sentido, quando falamos da atenção que o pesquisador precisa ter e que este não deve ter “um foco” direcionado ao seu objeto, é para evitar que fique “cego” ou “miope”, deixando de ver tantas coisas que há no território existencial da sua pesquisa.

Na visão de Cavalcante (2007, p. 6),

Guimarães Rosa, em suas viagens, valia-se de cadernetas para gravar sensações, descrever tipos e paisagens, anotar expressões, burilar outras. Sem um objetivo específico, isto é, sem visar à realização de uma determinada obra, mas como um viajante curioso, permanente estudante da vida e da natureza, sempre voltado para o seu trabalho, documentando-se, armazenando idéias, exercitando-se no manejo da língua.

Desempenhando duplo papel – de minerador e alquimista – procura reter as emoções das descobertas, do momento vivido, o prazer despertado pela beleza das paisagens e obras de arte, assim como descrever os acontecimentos prosaicos e o dia a dia do viajante em férias. Ao mesmo tempo, vai trabalhando, transformando, recriando a partir do material garimpado.

O exemplo do trabalho de anotação desse notável escritor nos serve de inspiração, para que sejamos “viajantes curiosos” em nossas atividades de pesquisa, estudantes da vida, trabalhando com afinco e dedicação naquilo que nos propusemos a fazer, a fim de compreender, dar a conhecer e inventar mundos possíveis. A imagem poética do pesquisador como um “minerador e alquimista”, que mergulha, escava, afunda e retorna com aquilo que encontrou e vai burilando, “transformando, recriando a partir material garimpado”, é maravilhosa e inspiradora.

As anotações, mote para este texto, também apareceu numa entrevista do escritor moçambicano, Mia Couto, para a revista Carta Capital. Ele fala sobre a influência de Guimarães Rosa na sua obra e, mais objetivamente, sobre o ato de “tomar notas” para começar a escrever: (iii)

CE: O senhor consegue trabalhar em duas obras simultaneamente ou se dedica exclusivamente a uma? Tem algum horário certo para escrever?

MC: Sou biólogo e trabalho em uma empresa que faz estudos ambientais e planos de gestão de parques, o que me obriga a uma rotina de estar no serviço de manhã e à tarde. Quando faço trabalhos de campo, aproveito para conversar com muita gente do interior, o que também me obriga a tomar

notas e, dessa forma, começo a escrever. Mas minhas histórias são sempre conduzidas pelos personagens. Eu preciso me apaixonar por um personagem, ele precisa tomar posse de mim, são os personagens que contam as minhas histórias. Não há nada arquitetado previamente, não tenho um desenho do livro na cabeça.

Ter a atenção fluante tal como uma viajante curioso. Inspirar-se nos mineradores (poderia ser também mergulhadores) e alquimistas. Estar implicado com a pesquisa e sempre fazer anotações num caderno, caderneta, diário... eis alguns elementos da metodologia da pesquisa, que, para além de tantas teorias metodológicas, consideramos fundamental para qualquer pesquisa a despeito de qualquer metodologia, método ou abordagem.

Para finalizar esta conversa: uma imagem e alguns destaques



Figura 1 - caderno de anotações de Guimarães Rosa.
Fonte: Jornal da USP (iv)

O desenho de um boi e um cavalo compõe a página com as palavras escritas com a letra do escritor. Na outra página, um desenho de uma grande igreja com uma legenda no canto superior direito da página, indicando ser Santa Maria Nouvelle, que fica em Florença, na Itália. No texto, ele conta sobre a caminhada e a surpresa ao ver a igreja entre outras informações.

Será que quando Guimarães Rosa fez essas anotações e esses desenhos, ele imaginou que, anos depois, alguém poderia se valer deles em suas pesquisas? Talvez, não. Nas anotações que fazemos de aulas, pesquisas, eventos etc., algumas vezes, fazemos desenhos, escrevemos uma sensação, uma ideia ou outras inscrições na página, mas que ficam somente para nossa consulta. Em geral, não os disponibilizamos nem nos apêndices dos relatórios, nem em outro lugar. Da mesma forma, quando consultamos cadernos de anotações de alguém, falamos sobre o que encontramos, mas não mostramos uma imagem disso. O que aparece são apenas os fragmentos extraídos desses cadernos e, dessa maneira, não conhecemos o que os pesquisadores fazem, como registram, como são esses cadernos, o que anotam, como anotam.

Nas pesquisas realizadas sob a inspiração cartográfica, a qual acompanha um processo e o próprio percurso da investigação, as anotações devem ser constantes e fundamentais para a escrita dos trabalhos. Assim, seria interessante que pudéssemos conhecer um pouco mais dessas anotações além dos seus frutos interpretativos.

Neste texto, propusemo-nos a pensar sobre esses cadernos de anotações, tomando os cadernos do escritor Guimarães Rosa como nosso guia. As invenções de Rosa podem nos ajudar a inventar nossos cadernos e nossas maneiras próprias de anotar e utilizar essas anotações. No entanto, anotar, ter um caderno de anotações, é indispensável. Conhecer esse rico material deixado por escritores e artistas pode aproximar as áreas de Educação, Literatura e Arte e contribuir com exemplos inventivos de fazer pesquisa, inspirando os pesquisadores da área de Educação a construir seus próprios modos de fazer e ampliando as possibilidades metodológicas das pesquisas em Educação.

REFERÊNCIAS

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliãna da. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 52-75.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Escrito com o olho - anotações de um itinerário sobre imagens e fotos entre palavras e idéias. In: ECKERT, Cornélia; NOVAES, Caiuby (Org.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 157-183.

CAVALCANTE, N. Cadernetas de viagem de João Guimarães Rosa: fonte de criação literária. **Veredas**: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 8, 1 ago. 2007, p. 303-318.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2010, p. 29-38.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliãna da. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 32-51.

LEONEL, Maria Célia de Moraes. Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto. 1985. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEYER, Mônica. Ser-tão natureza - a natureza de Guimarães Rosa. 1998. Tese (Doutorado)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

MEYER, Mônica. As Anotações de Viagem de Guimarães Rosa pelo Sertão de Minas Gerais. **Graphos**, João Pessoa, Edição Especial, 2006, p. 53-61.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílíana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílíana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 17-31.

ROSA, Vilma Guimarães. **Relembraimentos**: João Guimarães Rosa, meu pai. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Baú de alfaías. 1984. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

Notas de Fim

i Esta reflexão faz parte de um dos objetivos da pesquisa de pós-doutorado que a autora está desenvolvendo com bolsa de pós-doutorado sênior do CNPq.

ii Para ter acesso ao documento, é preciso consultar o arquivo pessoalmente. Disponível em:

<http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/consultaUnidadesLogicas.asp?

Tipo_Unidade_Logica_Codigo=1&Setor_Codigo=1&Acervo_Codigo=1&Numero_Documentos=>. Acesso em: 7 fev. 2019.

iii Entrevista concedida em 2010 para Carta Capital e encontra-se disponível em: <<https://www.portalraizes.com/1mia-couto-guimaraes-rosa/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

iv Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/acervo-da-usp-conta-a-trajetoria-de-guimaraes-rosa/>>. Acesso em: 27 abr. 2019.